



50 ANOS DE PESQUISA EM FOLKCOMUNICAÇÃO: REVISITANDO O ARTIGO FUNDADOR¹

Guilherme Moreira Fernandes²

Resumo:

Este artigo tem como propósito revisitar o texto “O ex-voto como veículo jornalístico” de Luiz Beltrão, originalmente publicado na primeira edição da revista “Comunicação & Problemas”. O texto de Beltrão marca a gênese da Folkcomunicação, disciplina que ele criou dois anos após a publicação do texto que ora revisitamos. Apresentamos como elemento conclusivo a atualidade do texto e do objeto, seja pelo viés do folkjornalismo ou da folkcomunicação.

Palavras-chave:

Ex-voto; folkcomunicação; folkjornalismo.

Introdução

Em março de 1965, portanto há 50 anos, o Instituto de Ciências da Informação (Icinform), sob a coordenação de Luiz Beltrão, lançou a primeira edição da revista “Comunicação & Problemas” – a primeira publicação científica do universo comunicacional. Nesta edição, estão presentes os artigos “Imprensa e Opinião” de Luiz Delgado, “A Liberdade da Imprensa e o Leitor Livre” de Rod W. Horton e “O Ex-voto como veículo jornalístico” de Luiz Beltrão. Em 2013, quando o Icinform completou 50 anos, a Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) lançou, através da Coleção Beltranianas, as 12 edições da revista. Chamamos atenção especial para o texto “O Ex-voto como veículo jornalístico” (1965), pois se constitui a gênese da disciplina que seria criada por Beltrão dois anos depois (1967), na defesa de sua tese de doutoramento na Universidade de Brasília (UnB) – a Folkcomunicação.

Certamente, Beltrão não foi o primeiro a estudar o ex-voto, objeto caro também à geração de folcloristas que o antecedeu, contudo foi o primeiro a perceber no objeto sua

¹ Trabalho apresentado no GT 1: “Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia”, da XVII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, de 10 a 12 de junho de 2015.

² Doutorando em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Jornalista e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor substituto da Faculdade de Comunicação da UFJF e professor convidado da especialização em Televisão, Cinema e Mídias Digitais da UFJF. Diretor Administrativo da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação – Rede Folkcom (gestões 2011/2013 e 2013/2015). Organizou, entre outros, os livros “A Folkcomunicação no limiar do século XXI” (ed. UFJF), “Metamorfose da Folkcomunicação” (Eclética Cultural) e “Pensamento Comunicacional Brasileiro: o legado das Ciências Humanas” (Paulus), estes dois últimos com José Marques de Melo. E-mail: gui_facom@hotmail.com.



dimensão comunicacional/jornalística. Beltrão lançou sua “picada³”, como costumava dizer. Atualmente, outras gerações de comunicadores, com subsídios ou não da teoria da Folkcomunicação, lançam olhar sobre a dimensão comunicacional do ex-voto. Em claro exemplo é o professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), José Cláudio Alves de Oliveira, que lançará em junho deste ano a obra “Ex-votos das Américas: comunicação e memória social”, ressaltando a pertinência a atualidade do objeto. No âmbito da Rede Folkcom, o ex-voto continua sendo um objeto privilegiado. Em comemoração aos 50 anos da pesquisa em Folkcomunicação, sob a liderança de José Marques de Melo, a Rede começará a fazer pesquisas comparativas sobre o ex-voto no Brasil, ancorados na proposta taxionômica do mestre. Osvaldo Trigueiro também vem dedicando atenção e promete lançar uma obra em breve. Trigueiro (2006), assim como Beltrão (2001) já havia observado, pondera

Geralmente os estudos sobre comunicação social são quase sempre voltados para as análises da grande mídia (jornais, revistas, rádio, televisão, internet, etc.). De uma ou de outra forma são esses meios que configuram a maioria dos nossos objetos de estudo, mas numa sociedade tão desigual, de enorme diversidade de culturas existem outros meios de comunicação social, produzidos e veiculados por canais inventados por classes populares e que pouco a pouco estão se infiltrando nos campos de difusão midiática. Portanto, a mídia aqui tem um conceito mais extenso e não se limita apenas a esses grandes veículos impressos e eletrônicos de comunicação. Estão incluídos nesse conceito os folhetos de cordel, as danças e as músicas folclóricas, os grafites, as cartas públicas e as fotografias expostas nas salas de milagres dos santuários e tantas outras formas de comunicação popular que se espalham nas diferentes regiões do país. (TRIGUEIRO, 2006, p. 151-152).

A pesquisa em folkcomunicação pode ser dividida em dois grandes blocos. O primeiro, oriundo do conceito beltraniano, é justamente os elementos comunicacionais expressos por Trigueiro na citação acima e que são esquecidos por boa parte dos pesquisadores e historiadores da mídia. O ex-voto, folhetos de cordel e toda a sorte de elementos rudimentares realizados como forma comunicacional. A outra vertente da estudos folkcomunicacionais, está justamente na presença de elementos folclóricos na

³ Referência à expressão “Eu costumo dizer sempre que meu trabalho tem sido todo abrindo picadas para que outros aqueçam o caminho” (BELTRÃO, 2004, p. 116), dito por Beltrão em uma entrevista para a Intercom.



mídia massiva, daí os estudos de folkmídia e folkmarketing. As vertentes dessa “nova abrangência da folkcomunicação” foi cartografada por Roberto Benjamin (2000).

Neste texto, contudo, vamos direcionar o nosso olhar sobre essa pesquisa pioneira de Beltrão, sobre o jornalismo não-ortodoxo e a importância do ex-voto para a pesquisa em Folkcomunicação.

Itinerário de Luiz Beltrão e a pesquisa em Folkcomunicação

Nos últimos dezoito anos, a obra de Luiz Beltrão vem sendo resgatada e alçada ao seu lugar de direito, o de pioneiro. Beltrão, como poucos do seu tempo, soube “abrir picadas” e refletir a comunicação em todas as suas possibilidades. O saudoso professor Roberto Benjamin e o inquieto mestre José Marques de Melo – outrora alunos de Beltrão – deram diversas contribuições para o resgate e atualização da obra beltraniana. A criação da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional na Universidade Metodista de São Paulo, em 1997, pode ser considerada um marco deste resgate. Beltrão foi o primeiro doutor em Comunicação, criou o primeiro Instituto de Pesquisa em Comunicação, a primeira revista científica da área e importantes livros sobre o ensino e a prática do Jornalismo, da Teoria da Comunicação e, além disso tudo, criou a única Teoria da Comunicação genuinamente brasileira, a Folkcomunicação. Não obstante, ainda escreveu contos, crônicas e romances⁴.

No campo da fortuna crítica, a obra de Beltrão tem sido apreciada tanto no Brasil, como em outros países ibero-americanos. Destacamos o “Dicionário Bibliográfico” organizado por Marques de Melo (2012), obra que podemos ter acesso a comentários de todas as obras de Beltrão – incluindo suas aventuras no campo da literatura. “Os Senhores do Mundo” é o primeiro romance de Beltrão, foi publicado em 1950 pelo jornal “Folha da Manhã”. A obra foi concebida como um folhetim e, aos moldes do gênero criado pelo francês Emilio de Girardin, foi originalmente publicada em capítulos no jornal “Folha da Manhã”. Recife, cidade onde Beltrão exerceu sua atividade jornalística e de docência, foi o cenário para seus personagens: “Samuel, o leproso; Josefina, a prostituta; Chico de Inácia, o letrado; Mascote, a órfã; Antonio Cego, o esmoler; Maria da Paz, filha do manguê;

⁴ Sobre vida e obra de Beltrão ver: Gobbi (2006), Nava (2008), Hohlfeldt (2008), Tarsitano (2008). Sobre a obra literário de Beltrão, ver Mergulhão (2015).



Manuel de Ortega, o verdureiro; os meninos, os malandros” (DIAS, 2012, p. 201). Pelas características dos personagens, já se pode perceber que se tratam, sobretudo, de marginalizados e excluídos socialmente, público este que Beltrão voltou seu olhar jornalístico e acadêmico⁵.

Nove anos mais tarde, Beltrão publica seu segundo livro, trata-se de “Itinerário da China: um repórter brasileiro visita o milenar e novo país do Extremo Ocidente”, publicado pela Imprensa Oficial do Recife em 1959. O livro é uma compilação de reportagens especiais escritas por Beltrão em 1958 durante sua visita à Pequim e outras cidades chinesas. Beltrão escreveu sobre diversos aspectos da sociedade chinesa e, novamente, mostrou-se interessado em aspectos da cultura popular: “nesse universo de múltiplas possibilidades de noticiabilidade e de valores-notícias inusitados, destacam-se os costumes, as tradições e as religiões [...]. No campo da religião, um dos destaques foi o apoio das filosofias de orientação confuciana ao novo regime” (BARROS, 2012, p. 149).

Academicamente falando, seu livro de estreia foi “Iniciação à Filosofia do Jornalismo” publicado pela Agir em 1960 com segunda edição publicada pela editora da USP em 1992. Este livro trata sobretudo dos “princípios éticos que regem a profissão jornalística, principalmente no que diz respeito à liberdade de imprensa e à responsabilidade social” (ASSIS, 2012, p. 134). Este livro e os que Beltrão publicou na sequência: “Enseñanza de la técnica del periodismo⁶” (Ciespal, 1963) e “Técnica de Jornal – I Parte – Teoria do Jornalismo. O jornal e sua indústria⁷” (ICINFORM, 1964) tratam do jornalismo ortodoxo. O mesmo pode-se dizer da trilogia que o deixou conhecido em todos os cursos de Jornalismo: “A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário” (Folco Masucci Editor, 1969); “Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica” (Sulina, 1976) e “Jornalismo Opinativo” (Sulina, 1980). Estas obras, na verdade, são frutos

⁵ Os demais livros de ficção de Beltrão também registraram o *modus vivendi* da camada marginalizada. Para ficarmos em apenas um exemplo, Sônia Joconi (2012) ao retratar a obra “Quilômetro Zero”, no aspecto do texto, registra: “sempre valorizando o coloquialismo e a forma inculta de falar dos becos e dos miseráveis que ocupam os espaços sociais marginalizados pela pobreza e pela desorganização humana” (JACONI, 2012, p. 197).

⁶ No Brasil, o livro foi publicado apenas em 2012 pela editora da UFU. Trata-se de “Metodologia do ensino de Jornalismo”, organizado por José Marques de Melo, Rose Vidal e Eduardo Amaral. É o terceiro volume da Coleção Beltranianas da Intercom.

⁷ Este texto também nos chegou tardiamente. Ele na verdade é uma mediação entre a obra anterior, “Iniciação à Filosofia do Jornalismo”, de caráter teórico, com as obras posteriores (“A imprensa informativa”, “Jornalismo Interpretativo” e “Jornalismo Opinativo”) de caráter mais prático. Trata-se do livro “Teoria e Prática do Jornalismo”, lançado pelas Faculdades Adamantinenses Integradas – FAI, em parceria com a Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação e a Edições Omnia, em 2006.



do trabalho de Beltrão como professor da disciplina “Técnica de Jornal”, suas apostilas foram transformadas em livros adotados nas mais diversas instituições de ensino. Beltrão começou sua carreira jornalística em 1936 no “Diário de Pernambuco” e conhecia como ninguém o jornalismo tradicional, ortodoxo.

Como pesquisador, contudo, Beltrão percebeu que outras formas de comunicação jornalística também existiam e que havia uma classe que não tinha acesso aos veículos tradicionais e fazia o seu próprio meio de comunicação. Foi esta percepção que o levou a escrever “O ex-voto como veículo jornalístico”, artigo publicado na primeira edição da revista “Comunicação & Problemas⁸”, editada pelo ICINFORM e lançada em 1965. De certa forma, Beltrão volta a encontrar com os personagens de seu romance “Senhores do Mundo” e a dedicar atenção a aspectos jornalísticos que ele já havia registrado no período que esteve na China.

O ex-voto como veículo jornalístico

Iury Parente Aragão (2013), ao comentar este artigo sobre o ex-voto, aponta que Beltrão “discute a comunicação das classes marginalizadas e insere o ex-voto [...], mostrando ligação entre o contexto cultural, a produção e a recepção de mensagens” (ARAGÃO, 2013, p. 226). O texto de Beltrão começa de forma impactante, com o registro:

Não é somente pelos meios ortodoxos (a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, a arte erudita e a ciência acadêmica) – que, em países como o nosso – de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias sociais e políticas, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural – não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião pública se manifesta. Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore. (BELTRÃO, 1965, p. 9).

Trigueiro (2006), ao comentar o artigo, expõe:

⁸ A revista foi editada até 1969 e apresentou 12 edições. A Intercom, por meio da Coleção Beltranianas, publicou as doze edições na íntegra. Organizada por Osvando Moraes, as edições da revista compõem os volumes 4, 5 e 6 da coleção.



É daí a origem do termo folkcomunicação. Os seus estudos [de Beltrão] estão voltados para uma zona híbrida compreendida entre o folclore (resgatar e interpretar a comunicação que vem dos canais de comunicação do povo, principalmente através de manifestações folclóricas) e os meios de comunicação de massa (difusão da indústria de símbolos por meios mecânicos ou eletrônicos destinados a grandes audiências). É nesta zona entre as fronteiras do folclore e da mídia que operam, atualmente, os agentes da folkcomunicação através dos seus próprios sistemas de comunicação e meios midiáticos. (TRIGUEIRO, 2006, p. 152).

Beltrão, no universo teórico, parte, sobretudo, das pesquisas de Alceu Maynard Araújo (no livro “Folclore Nacional”, Vol. III, Melhoramentos, 1964) e Luiz Sayá (na obra “Escultura Popular Brasileira”, Gaxeta, 1944) para conceituar e caracterizar o “ex-voto”. Embora não faça menção no texto, Beltrão também parte da concepção de “folclore” definida por Edison Carneiro (1965), ou seja, o folclore como processo dinâmico que “nada tem de morto, parado ou imutável” (CARNEIRO, 1965, p. 11). No processo da dinâmica do folclore, ele passa a ser entendido como vivo e “sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo” (CARNEIRO, 1965, p. 2).

Foi pensando no folclore como processo dinâmico e adaptado pelo povo para fazer suas necessidades que Beltrão percebeu os locais em que a comunicação acontecia através do folclore, visto

Das conversas de boca de noite, nas pequenas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; das trocas de impressões provocadas pelas notícias trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou pelo “bicheiro”; ou, ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira, e pelos “martelos” do cantador ambulante; pelos inflamados artigos do jornalista matuto ou pelas severas admoestações dos missionários; do raciocínio do homem solitário no seu trabalho na floresta, na caatinga ou na coxilha. (BELTRÃO, 1965, p. 9).

Percebemos, nesta descrição, a busca de Beltrão por lugares da comunicação jornalística em ambiente de folclore. Naturalmente, como bem pontuou Osvaldo Trigueiro (2008), em tempos de “bios midiático” (SODRÉ, 2002) em que a comunicação se faz onipresente, muitas das funções desempenhas, por exemplo, pelos “choferes de caminhão”



responsáveis outrora por trazer notícias de lugares distantes, não têm mais importância para o processo da comunicação. Contudo, essa forma rudimentar de se fazer a comunicação ainda permanece, inclusive, com a utilização do ex-voto, que é visto não apenas como um ato religioso.

No campo metodológico, como já percebido por Samantha Castelo Branco (2013), Beltrão se comporta como jornalista. É o seu olhar e faro jornalístico que o fez perceber nas manifestações folclóricas o mundo comunicacional, em suas palavras:

Pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do poço, a expressão de seu pensar e do seu sentir tantas e tantas vezes discordantes e mesmo apostas ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes. (BELTRÃO, 1965, p. 10).

De forma estrutural, Beltrão divide o artigo em quatro momentos: “o ex-voto”; “a notícia nos cruzeiros”; “a notícia pelas peças”; e “a opinião através do ex-voto”. Na primeira parte, ele faz uso das pesquisas de Maynard Araújo e Saya para definir o ex-voto, concebido como “quadro, imagem, fotografia, desenho, fita, peça de roupa, utensílios domésticos, mecha de cabelo, etc., que se oferece ou se expõe nas capelas, igrejas, salas de milagres ou cruzeiros, em ação de graças por um favor alcançado do céu” (BELTRÃO, 1965, p. 10), ou seja, é um ato religioso. Porém, o que Beltrão busca perceber é a forma como este ato religioso abrange o universo jornalístico, ao traduzir uma manifestação popular, uma busca de sentido e, especialmente, um meio de expressão.

Os três próximos momentos do artigo vão revelar as nuances jornalísticas contidas na oferta do ex-voto. Beltrão busca perceber as mensagens semióticas e discursivas reveladas pela prática do ex-voto. Em “a notícia nos ‘Cruzeiros’”, o pesquisador nos diz que desastres, homicídios e suicídios são representados, nas estradas, por cruzeiros de madeira, pelas de pedra e cal e até mesmo pequenas capelas. O pesquisador pernambucano traz a história do “Cruzeiro da Menina” localizado no município de Patos-PB. Reza a lenda que uma menina órfã foi largada por sua madrinha no lugar que foi erguido o cruzeiro e a partir do enterro da menina, curas milagrosas passaram a acontecer.

Em “a notícia pelas peças” Beltrão parte da análise da revelação de acontecimentos por meio da oferta de ex-voto, assim desenhos e fotografias representam os acontecimentos tal e qual ocorreram. Na região litorânea, verificou-se uma quantidade expressiva de ex-



votos que caracterizam o naufrago de barcos. Na zona rural e pastoril, abundam representações de quedas de animais, picadas de cobra e outros acidentes de trabalho no campo.

Por fim, em “a opinião através do ex-voto” Beltrão registra a apreciação do ensaísta pernambucano Clóvis Melo sobre os ex-votos da capela Nossa Senhora da Luz, localizada no engenho Ramos, e verifica a quantidade de órgãos do corpo humano que representam enfermidades, em decorrência do baixo nível sanitário. Também foi verificada a cura de vícios, através da oferta de garrafas de bebidas e de cartas de baralho. Ainda foram encontradas cartas e fotografias contendo segredos íntimos e diversos pedidos, que vão deste a realização amorosa, como também a profissional. Beltrão então manifesta que:

O ex-voto, na sua “ingênua exageração de milagres” é, na verdade, um veículo da linguagem popular, dos seus sentimentos. Agradecimento a Deus e protesto contra os homens do governo, responsáveis pela situação lastimável em que se encontra a maioria do povo brasileiro. (BELTRÃO, 1965, p. 15).

Assim, o ex-voto é entendido como opinião e protesto perante alguma situação vivenciada. Seu estudo revela uma sociedade e seus problemas e, por isto, sua manifestação é um veículo de informação.

Do ex-voto à Folkcomunicação

Este texto basilar marca a gênese da Folkcomunicação – a única teoria da Comunicação genuinamente brasileira, formulada por Beltrão e defendida como tese de doutorado (a primeira em Comunicação no Brasil), em 1967, na Universidade de Brasília⁹ (UnB).

De certa forma, o incentivo do folclorista e etnográfico potiguar Câmara Cascudo foi essencial para que Beltrão continuasse e privilegiasse essa área de estudo. Cascudo leu a primeira edição da revista “Comunicação & Problemas” e ficou encantado com o artigo: “Seu plano, Luiz Beltrão, de estudar o ex-voto é um soberbo de necessidade imediata”. Ratificou também as proposições comunicativas elencadas por Beltrão, afirmando que “o

⁹ Em 1966, Beltrão deixa a cidade de Recife para migrar-se para a capital federal a fim de assumir a direção da Faculdade de Comunicação da UnB.



‘ex-voto’ é uma voz informadora da cultura coletiva, no tempo e no espaço, tão legítima e preciosa como uma parafernália arqueológica” (CASCUDO, 1965, p. 133). Na carta, Cascudo ainda realiza uma ampla descrição da importância do ex-voto. No fim, novamente elogia Beltrão – “O seu artigo (...) é um magnífico *master-plan*. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função” (CASCUDO, 1965, p. 135) e o aconselha a continuar neste ramo de pesquisa:

[...] se um espírito de porco aconselhar a investigar outra coisa, atual, moderna, atordoante pela publicidade, diga que o motor atômico não matou as três mil jangadas neolíticas que boiam e pescam nos mares do Nordeste, e ainda rodam nas estradas brasileiras as rodas maciças do carro de bois de seis mil anos, que Woolley encontrou em Ur, as primeiras feitas pela mão do homem! E tudo no plano útil... *La vérité n’a pas besoin d’être proclamée et suffit de l’enoncer*. Será que V. não concorda com Renan? (CASCUDO, 1965, p. 135).

Deste incentivo nasceu a Folkcomunicação, naquele momento, como detectou José Marques de Melo (1970¹⁰), após a defesa da tese de Beltrão, com um duplo reducionismo: o primeiro ao Nordeste como locus privilegiado de pesquisa e o segundo à concepção jornalística. Assim como desenhou no artigo de 1965, Beltrão (2001¹¹) procurou traçar um amplo mapa da forma de comunicação não ortodoxa. Então, além do ex-voto, buscou diversos outros exemplos cujas mensagens eram passadas por meio da informação oral, escrita e opinativa. Isso quer dizer que Beltrão buscou no Nordeste exemplos de manifestações jornalísticas não ortodoxa, desenvolvida por meio de: 1) cantadores; 2) caixeiro-viajante; 3) chofer de caminhão – exemplos da informação oral; 4) folhetos; 5) almanaques; 6) calendários e livros de sorte – manifestações da informação escrita; 7) “Queima de Judas” e a “Serra dos Velhos”; 8) carnaval e a música popular; 9) mamulengo; 10) Bumba-meu-boi; e 11) artesanato e artes plásticas populares – expressões da folkcomunicação opinativa. A partir da vivência e contestação destes exemplos, Beltrão conceitua a Folkcomunicação como “o processo de intercâmbio de informação de opiniões, ideias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001, p. 79).

¹⁰ O texto foi originalmente publicado em 1968.

¹¹ Embora defendida em 1967, somente em 2001 a tese de Beltrão foi publicada na íntegra. Em 1971, a Editora Melhoramentos publicou o livro “Comunicação e Folclore”, que inclui a pesquisa empírica da tese de Beltrão. Os quatro capítulos teóricos foram retirados e substituídos por uma introdução.



Após a defesa da tese, Beltrão escreve uma carta a Cascudo dizendo que havia continuado a pesquisa que ele tanto havia incentivado, disse que estava encadernando o material para enviá-lo e que já havia a promessa da Editora Melhoramentos em publicar a tese em livro. O que mais chama a atenção nesta carta (de 29 de janeiro de 1968) é que Beltrão ao explicar para Cascudo o que se trata a Folkcomunicação, apresenta outro conceito¹², não encontrado em nenhum dos seus livros e artigos. Assim é apresentado:

Folkcomunicação, em que estudo os agentes e meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Os jornalistas, cantadores, choferes de caminhão, caixeiros viajantes, passadores de bicho, editores de folhetos, de calendários e livros de sorte, os almanaques de farmácia, os folguedos populares com toda a sua riqueza de conteúdo crítico, as atividades artesanais, enfim um mundo de ações, aparentemente desligadas do meu velho ofício de 'escritor público' (como dizia Aníbal Fernandes), mas que produzem nas sociedades da interlândia efeitos muito mais positivos que rádio, imprensa e TV. (BELTRÃO, 1968, S/P).

A tese de Beltrão amplia o escopo da pesquisa em Folkcomunicação, ainda atrelada à função do jornalismo. Nas conclusões da tese, Beltrão expõe que:

A comunicação jornalística é o instrumento básico para promover a interação social com vistas aos programas de desenvolvimento cultural e econômico em qualquer nacionalidade. No caso brasileiro, impõe-se a reunificação do pensamento e da ação das duas camadas distintas de sua população – as elites intelectuais e do poder, de um lado, sujeitos à influência dos meios convencionais de comunicação; a massa rural e o proletariado urbano, de outro, informando-se a expressando-se em linguagem diversa e através de agentes e veículos próprios. (BELTRÃO, 2001, p. 255).

Esse é o preceito do folkjornalismo, concebido por Beltrão nas páginas seguintes. O teórico traça um paralelo entre o jornalismo tradicional e o folkjornalismo, este desenvolvido não por portadores de diploma, mas sim por cidadãos comuns, que buscam meios não ortodoxos para manifestar suas opiniões e atitudes. Para o teórico:

¹² Este conceito foi resgatado por Daliana Cascudo, em apresentação na I Jornada de Folkcomunicação, ocorrida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte no dia 29 de maio de 2014. Agradeço à Daliana pela gentileza no envio do mesmo.



A objetividade das mensagens da folkcomunicação jornalística, que atinge e produz reações na mesma massa que se exime ou desconfia dos meios de comunicação convencionais. Na manifestação dessa objetividade é que se patenteia uma das mais características diferenças entre a folkcomunicação jornalística e o jornalismo convencional: a interpretação dos fatos, restrita aos moldes convencionais, não é válida para o folkjornalista. [...]. É um trabalho jornalístico de paixão, de calor, de integração com o pensamento e as necessidades do público. (BELTRÃO, 2001, p. 257-258).

O conceito de folkjornalismo expresso por Beltrão nesta obra, oriunda da sua tese de doutoramento, não teve sequência nas demais publicações do autor, ao menos nas que tivemos acesso¹³. Contudo, a aproximação da folkcomunicação com o jornalismo, ou seja, o folkjornalismo, mesmo carente de novas conceituações ou configurações, tem sido retomado nos últimos anos. De fato, como já percebido por Marques de Melo (2004), Hohlfeldt (2012) e Schmidt (2011), parte dos pesquisadores de folkcomunicação (e suas derivações) carecem de uma reflexão teórica e epistemológica a cerca dos avanços da teoria, suas limitações e possibilidades. Acreditamos o que lançamento do livro “Metamorfose da Folkcomunicação” (MARQUES DE MELO; FERNANDES, 2013) pode fornecer diversos subsídios para essa reflexão. A obra, contudo, não esgota o assunto e suas vertentes teóricas, metodológicas e epistemológicas. O Folkjornalismo, é um exemplo de termo que não foi apresentado neste volume e que merece um estudo teórico mais aprofundado, mesmo com as diversas intervenções empíricas.

Considerações Finais

Nas últimas três citações, trouxemos uma visão de Beltrão acerca da folkcomunicação e do folkjornalismo. Beltrão era profundo conhecedor do jornalismo convencional, mas sua paixão como pesquisador se deu através do folkjornalismo e seu olhar para a camada marginalizada da população brasileira. O duplo reducionismo detectado por Marques de Melo (1970) foi corrigido na ampliação do público da folkcomunicação, manifestado por Beltrão na obra “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados” (Cortez, 1980). Embora seja esta a obra de referência para a Folkcomunicação, estudos a respeito do folkjornalismo têm se mostrado cada vez mais

¹³ No âmbito da Folkcomunicação, as obras: BELTRÃO (1971; 1980; 2004)



presentes, a respeito das pesquisas de Martins (2013); Patrício e Carvalho (2013); e Gobbi, Barbosa e Conceição (2013). O ex-voto como objeto folkcomunicação também tem sido estudado na atualidade, dentre os inúmeros trabalhos, merecem destaque as pesquisas de Trigueiro (2006); Dourado e Marques (2011); Martins, Trigueiro, Pinheiro (2013); e Sousa, Berti, Barbosa (2013). Outro destaque é o grupo “Caçadores de Milagres” liderados por Jacqueline Dourado (2006).

Em suma, o folkjornalismo e a análise do ex-voto como veículo jornalístico continuam na pauta dos estudos folkcomunicacionais e, passados 50 anos da publicação do texto seminal, o mesmo continua atual e ainda “abre” muitas “picadas” para a compreensão do pensar e do agir dos brasileiros.

Referências

ARAGÃO, Iury Parente. O ex-voto como veículo jornalístico segundo Luiz Beltrão. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 226-228.

ASSIS, Francisco de. Iniciação à Filosofia do Jornalismo. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Fortuna Crítica de Luiz Beltrão**: Dicionário Bibliográfico. São Paulo: Intercom, 2012. p. 131-142.

BARROS, Antonio. Itinerário da China. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Fortuna Crítica de Luiz Beltrão**: Dicionário Bibliográfico. São Paulo: Intercom, 2012. p. 148-150.

BELTRÃO, Luiz. O ex-voto como veículo jornalístico. **Comunicação & Problemas**. Recife, nº 1, p. 9-15, mar. 1965.

_____. **Carta a Luís da Câmara Cascudo**. Brasília, 08 jan. 1968. Acervo LUDOVICUS – Instituto Câmara Cascudo.

_____. **Comunicação e Folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

_____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

_____. A Folkcomunicação não é uma comunicação classista. In: _____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004. p. 103-116.



BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: UFPB, 2000.

CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara. Carta a Luiz Beltrão sobre o ex-voto. **Comunicação & Problemas**. Recife, nº 2, p. 133-135, jul. 1965.

CASTELO BRANCO, Samantha. Possibilidades metodológicas na Folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 1003-1021.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. Os Senhores do Mundo. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Fortuna Crítica de Luiz Beltrão**: Dicionário Bibliográfico. São Paulo: Intercom, 2012. p. 201-213.

DOURADO, Jacqueline Lima. Caçadores de Milagres: inventário crítico dos focos difusores dos “milagres” piauienses. In: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline L. **Folkcom – Do ex-voto à indústria dos milagres**: a comunicação dos pagadores de promessas. Teresina: Halley, 2006. p. 681-685.

_____; MARQUES, Renan da Silva. Toda terça-feira tem: estudo folkcomunicação sobre o novenário da Vila Operária em Teresina-PI. CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 14, Juiz de Fora, MG. **Anais...** Recife: Rede Folkcom, 2011.

GOBBI, Maria Cristina. Luiz Beltrão: um homem à frente de seu tempo. In: SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006. p. 297-316.

_____; BARBOSA, Victor Luis dos Santos; CONCEIÇÃO, Ana Lígia Côrrea da. Luiz Beltrão e a teoria do Folkjornalismo utilizada no blog “Os Hermanos”. CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 16, Juazeiro do Norte, CE. **Anais...** Recife: Rede Folkcom, 2013.

HOHLFELDT, Antonio. Contribuição aos estudos acadêmicos de Comunicação Social. In: MARQUES DE MELO, José; TRIGUEIRO, Osvaldo (orgs.). **Luiz Beltrão**: pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil. João Pessoa: UFPB; Intercom, 2008. p. 77-88.

_____. Pesquisa em Folkcomunicação: possibilidades e desafios. In: LOPES FILHO, Boanerges; FERNANDES, Guilherme M.; COUTINHO, Iluska; MENDES, Marise P.; OLIVEIRA, Maria José (orgs.). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: UFJF, 2012. p. 53-64.

JACONI, Sônia Maria. Quilômetro Zero. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Fortuna Crítica de Luiz Beltrão**: Dicionário Bibliográfico. São Paulo: Intercom, 2012. p. 197-199.



MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação. In: _____ (org.). **Folkcomunicação**. São Paulo: ECA-USP, 1970.

_____. Prefácio. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004. p. 9-10.

_____. (org.). **Fortuna Crítica de Luiz Beltrão**: Dicionário Bibliográfico. São Paulo: Intercom, 2012.

_____; FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MARTINS, Júnia; TRIGUEIRO, Osvaldo; PINHEIRO, Júnior. Ex-votos: documentos de fé no Santuário de Nossa Senhora da Penha. CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 16, Juazeiro do Norte, CE. **Anais...** Recife: Rede Folkcom, 2013.

MARTINS, Marcel. Folkjornalismo: a construção do sentido popular da Copa do Mundo de 2014. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36, 2013, Manaus, AM. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2013.

MERGULHÃO, Eliane. **Marcas Folkcomunicacionais na obra literária de Luiz Beltrão**. São Paulo: Intercom, 2015.

NAVA, Rosa. Para entender o homem e a obra. In: MARQUES DE MELO, José; TRIGUEIRO, Osvaldo (orgs.). **Luiz Beltrão: pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil**. João Pessoa: UFPB; Intercom, 2008. p. 33-47.

PATRÍCIO, Edgard; CARVALHO, Gislene. Aconteceu, virou cordel! Critérios de noticiabilidade e os folhetos de acontecimento – aproximações iniciais. CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 16, Juazeiro do Norte, CE. **Anais...** Recife: Rede Folkcom, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHMIDT, Cristina. A **relevância dos estudos de folkcomunicação para o Século XXI: perspectivas contemporâneas para os estudos de folkcomunicação**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 05/05/2011. Palestra apresentada na XIV Conferência Brasileira de Folkcomunicação, Juiz de Fora, 2011.

SOUSA, Evandro Alberto de; BERTI, Orlando Maurício de Carvalho; BARBOSA, Sara Maria da Silva. Ex-votos como forma de publicizar a fé na Procissão de São Francisco de Assis, em Picos, Piauí. CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 16, Juazeiro do Norte, CE. **Anais...** Recife: Rede Folkcom, 2013.



TARSITANO, Paulo Rogério. Um só caminho, duas direções. In: MARQUES DE MELO, José; TRIGUEIRO, Osvaldo (orgs.). **Luiz Beltrão: pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil**. João Pessoa: UFPB; Intercom, 2008. p. 63-76.

TRIGUEIRO, Osvaldo. O ex-voto como veículo de comunicação popular. In: SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006. p. 151-163.

_____. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa: UFPB, 2008.